O USO DO FACEBOOK COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Rio de Janeiro - RJ - Maio / 2015

Ana Paula da Silva Conceição Oliveira - AVM Faculdade Integrada -
anapaula@avm.edu.br

Classe: (B)

Setor Educacional: (B)

Áreas:
Nível Macro: (A) / Nível Meso: (I) / Nível Micro: (N)

Natureza: (B)

RESUMO:

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs), especialmente das redes sociais como recursos importantes para aproximação das culturas presentes na educação. Busca-se ainda estudar meios para promover um processo ensino-aprendizagem crítico-construtivo permeados pelo uso das mídias digitais e do Facebook como possível ambiente de integração de leituras, conhecimentos e realidades instituintes no curso Normal. Pretende-se analisar a importância da escola orientar o uso das TICs sob a ótica da produção de saberes e não apenas de consumo da informação. Constam aqui reflexões iniciais de uma experiência formativa tendo como ponto de partida a disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias, pertencente ao curso de formação de professores de uma instituição pública de ensino localizada em São Gonçalo-RJ. Propomos ainda uma reflexão sobre a EaD enquanto modalidade de ensino norteadora de práticas docentes mediadas pelo uso das TICs com importante significado na formação dos sujeitos. Da Modalidade presencial à Modalidade a Distância, práticas se cruzam e se completam sob uma nova perspectiva.

Palavras-Chave: Educação a Distância, Redes Sociais, Mídias digitais e Formação de Professores.

1 – A EaD no Palco: O Espetáculo aqui é Outro

Muito se tem discutido sobre os rumos necessários às práticas educacionais da atualidade que precisam ser pensadas em função de uma sociedade globalizada que encontra-se em cena, atraindo o olhar dos sujeitos, movendo suas vidas e costumes, através de sedutoras ferramentas de comunicação cada vez mais onipresentes. As tecnologias foram surgindo, uma sobrepondo-se a outra, em virtude da inteligência humana capaz de elucidar novas e rebuscadas ferramentas para o crescimento da economia e possivelmente para a qualidade de vida dos sujeitos. Vimos a sociedade produzindo o homem e o homem gerando esta sociedade, de tal modo que os instrumentos de trabalho foram surgindo e constituindo a vida social. Sob o olhar de Comar e Pinto (2015) *"o homem se produz ao produzir as diferentes formas de trabalho"*, leitura esta inspirada em Marx que suscita reflexões sobre as formas diferentes de produção do trabalho e os meios materiais que o próprio homem elaborou para a manutenção social.

No deslumbre das potencialidades percebidas no cenário das mídias e novas tecnologias, atualmente os educadores vivenciam o desafio de utilizarem estes recursos com autonomia, buscando em suas práticas educacionais, empregá-las como possíveis instrumentos de expansão do processo ensino-aprendizagem. Torna-se fundamental sublinhar outro desafio relacionado ao uso das TICs na educação (seja ela presencial ou a distância), que se refere a "criticidade" que precisa anteceder, percorrer e sobrepor-se ao domínio apenas técnico das ferramentas e mídias disponíveis. Freire (2011, p. 87) já citava a tecnologia pensando "de um lado como quem não a diviniza e de outro como quem não a diaboliza", acrescentando a necessidade de um espreitar "de forma criticamente curiosa" sobre o tema. No contexto das mídias, há de se pensar em uma escola que forme para a transformação, para o crescimento e o avanço da sociedade como um todo, e não apenas de alguns. Segundo Medeiros (2007), qualquer nação que pretenda uma posição menos subalterna na complexa estrutura mundial precisa enfrentar corajosamente as questões do acesso à informação e da educação da população como um importante fator de mudança. Educar os cidadãos em um universo dominado pelo crescimento da

internet e de inúmeras mídias, deve significar um incentivo ao hábito da leitura e interpretação das informações e não ao empobrecimento da aprendizagem. Sob este aspecto convém afirmar que:

> A função da educação não é o simples acesso à informação, mas a construção de conhecimento a partir da informação, e em seu sentido mais amplo, a transformação do conhecimento em sabedoria, no fortalecimento de sua interrelação com a realidade cotidiana e sua utilização nas escolhas feitas na vida diária. (MACHADO E SILVA 2004, p.69)

A escola entendida como espaço de democratização do conhecimento e das diferentes culturas, precisa firmar-se de forma integradora, promovendo a comunicação entre educadores e educandos, que atravessem não só as paredes e os muros, como também as telas dos computadores, dos celulares e *tablets*, quando conseguem dialogar ideias, movimentos e realidades instituintes personificando os sujeitos (alunos e professores) reais e concretos, que possuem seu lugar na história com culturas e memórias tão diversificadas e importantes para a construção de uma nova sociedade. Sob este contexto Junior apud Sibilia (2014, p. 5) ressalta que “as tecnologias não podem ser concebidas como garantidoras da excelência escolar, mas sim como espaços de encontro e diálogo”. Neste sentido, as redes sociais pertencentes ao universo das TICs atuam como um mecanismo de estreitamento da relação professor-aluno em um contexto de aprendizagens realmente significativas. Os professores ao apropriarem-se criticamente das tecnologias poderiam conhecer os contextos dos seus alunos, perceber quais são suas leituras no universo virtual, seus interesses no que concerne às redes sociais, aos vídeos, músicas e movimentos que os mesmos pertencem e a partir daí ao invés de utilizarem as tecnologias apenas como veículos de transmissão do conhecimento, fariam suas práticas de forma invertida, tentando usar as mídias e tecnologias como mecanismo de manifestação e divulgação dos grupos e culturas pertencentes ao universo escolar e não mais como apenas recurso pedagógico restrito a transposição de uma ou mais disciplinas e seus conteúdos.

A EaD apresenta-se como modalidade de ensino primordial na atualidade, isto porque transcende a ideia de aprendizagem e conhecimento, sugerindo um processo educacional dinâmico, flexível e potencializador.

Aprender nesta modalidade ressignificou as formas de conhecer o mundo e relacionar-se com ele. Educar-se no espaço da *cibercultura*, das tecnologias nela contidas e da ecologia humana conforme ressalta (LEVY, 2010) é fascinante. Os papeis mudaram e a EaD apresenta a arte de contracenar em outro contexto educacional, o contexto do dinamismo, da proliferação da informação e do conhecimento, das redes de leituras e da interação com o mundo. Sob este aspecto a EaD tem apresentado encantadoras possibilidades de entrosamento com o ensino presencial, isso porque maximiza oportunidades de interlocução entre os sujeitos (professores e alunos) que estreiam em um cenário onde não há participação coadjuvante, onde todos contracenam como atores principais compartilhando aprendizagens significativas, rasgando textos decorados e substituindo-os por saberes construídos com o auxílio das novas tecnologias.

O espetáculo promovido pela EaD é aquele que dialoga e também contracena com o ensino presencial, que amplia condições discursivas para além do convívio físico, que promove a oportunidade de reflexão e continuação das aulas através das telas, dos links e hiperlinks possíveis quando professores e alunos permitem-se vivenciar e construir tecnologias de ensino e aprendizagem, produzindo saberes de forma compartilhada. Sob este aspecto, Machado e Silva (2004,p.66) afirmam que construir tecnologia educacional traduz não apenas utilizar um recurso tecnológico, mas *"construir uma nova metodologia que implica na construção de novos sistemas de pensamento."* Desencadear práticas educacionais na EaD e no modelo presencial suscitam uma série de reflexões necessárias ao sucesso dos personagens principais deste espetáculo. Obviamente cada modalidade de ensino tem suas especificidades, porém não reduzimos a oportunidade de encontros entre estas duas esferas que articuladas podem desencadear ricas possibilidades ao processo ensino aprendizagem.

2 – As TICs no Cotidiano (dentro e fora) da Escola

Perceber as transformações na sociedade e o crescimento mundial das linguagens midiáticas requer um olhar cuidadoso e reflexivo, em que a escola e seus agentes formadores necessitam desenvolver o uso crítico das TICs.

Conforme Medeiros (2007), a escola não pode ignorar a presença das TICs no cotidiano e abrir mão de uma reflexão referente ao papel segregador ou inclusivo que as tecnologias desempenham. Neste sentido, torna-se relevante que professores e professorandos saibam fazer uso criativo das tecnologias disponíveis em seu cotidiano, superando qualquer tipo de alienação dentro e fora da escola. Concerne salientar que o avanço das TICs no cotidiano da humanidade não tem chegado às escolas de forma igualitária. De um lado instituições de ensino formam alunos preparados para escolherem as ocupações que assumirão na sociedade, de outro, escolas que mal conseguem possibilitar aos alunos a oportunidade de contato com a realidade que vivenciarão na vida adulta. Pensar em uma sociedade menos dividida e subalterna requer a implantação de uma educação de qualidade, a viabilização de projetos mais democráticos e inclusivos em que a formação docente e discente seja de experimentação, criação e acesso às tecnologias numa perspectiva crítico-construtiva e não meramente reprodutora. A escola necessita desenvolver práticas educacionais promissoras para corresponder a uma sociedade que se transforma diariamente, neste contexto, precisa integrar as tecnologias em uma perspectiva de descoberta e apresentação dos saberes que são permanentes e necessários à vida cidadã. Neste sentido:

> Educamos de verdade quando aprendemos com cada coisa, pessoa ou ideia que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, experienciamos, lemos, compartilhamos e sonhamos; quando aprendemos em todos os espaços que vivemos – na família, na escola, no trabalho, no lazer etc. Educamos aprendendo a integrar em novas sínteses o real e o imaginário, o presente e o passado olhando para o futuro; ciência, arte e técnica; razão e emoção. (MORAN, 2009 p. 13)

Ou seja, a utilização do computador com acesso a internet pode propiciar uma gama de possibilidades para o trabalho educacional, entre tais possibilidades destacam-se: a oportunidade de pesquisa, o descobrimento de ideias e lugares, a produção de experiências, de textos, avaliações e tantas outras capacidades criativas. Trabalhar em rede amplia a comunicação entre professores e alunos e pode provocar um processo educacional mais consistente e eficaz, isto porque não limita-se apenas à sala de aula, mas atinge outros espaços, sujeitos e lugares. Na perspectiva de Moran (2009) utilizar a internet modifica as formas de ensinar e aprender tanto no ensino

presencial quanto no ensino a distância. Sob este aspecto, torna-se necessário avaliar as condições estruturais da realidade *inlocu*, desenhando assim propostas cabíveis ao universo identificado. Ao falar de escola pública especialmente, pois não cabe pensar em um projeto recheado de ideias, mas esvaziado de concretudes. Através do uso da internet como ferramenta de construção de saberes, o planejamento desenvolvido pelo professor norteará atividades também fora da escola, propiciando uma continuidade das discussões, reflexões e propostas educacionais fora do espaço escolar. Torna-se relevante pensar que não cabe um uso instrucional do computador em rede, este não pode ser pensado apenas como meio transmissor de informações e conceitos, desta forma, fazer educação através das redes perderia o sentido. Lévy ressalta que a função mor do docente:

> "(...) deve deslocar-se para o lado do incentivo para aprender a pensar. O docente torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos dos quais se encarregou. Sua atividade terá como centro o acompanhamento e o gerenciamento dos aprendizados.: incitação ao intercâmbio dos saberes, mediação relacional e simbólica, pilotagem personalizada dos percursos de aprendizado." (LÉVY apud NOVA E ALVES, 2002, p. 61)

Pensar no papel do professor diante dessa realidade implica na utilização da rede sob a perspectiva de uma comunicação, onde aprender colaborativamente traduz a participação ativa de todos os agentes envolvidos no processo educacional (professores e alunos). Trata-se de uma relação *online* que ocorre através de diálogos, compartilhamentos, ressignificações, leituras e releituras na rede e em rede. O desafio proposto é que educadores e educandos comuniquem-se e relacionem-se com autonomia e criticidade como sujeitos e interlocutores.

Muitos são os desafios para fazer a educação em rede *(online)*, porém não há como negar as vantagens que esta proposta de trabalho pode evidenciar. Revelar a educação *online* como recurso integrador do ensino presencial amplia a aprendizagem e o que se faz dela, ou seja, potencializa o processo educacional e desperta a cidadania tão necessária ao convívio em sociedade, onde não cabe apenas entender as coisas, mas usar o conhecimento arquitetado como ferramenta de transformação social. Libâneo (2013, p.22) sublinha o papel político do professor quanto à sua

responsabilidade em assegurar aos alunos “o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de pensamento independente, crítico e criativo”. A educação neste sentido político exige práticas de ensino conscientes e libertadoras, onde apenas transmitir informação não é suficiente, muito menos promissor. A configuração aqui é outra, aquela em que o domínio do conhecimento e a capacidade de interpretar criticamente, propiciará ao aluno agir ativamente na profissão, na política e nos movimentos sociais.

Desta forma, a educação a distância e presencial possuem uma missão primordial na sociedade, sociedade esta envolta de mídias e novas tecnologias, aparatos eletrônicos cada vez mais sofisticados, *tablets*, celulares, *notes*, *netes*, *ipads* e tantos outros recursos, porém uma sociedade ainda desigual, muitas vezes desumana. É preciso conhecer a realidade, criticá-la assim como transformá-la, não cabe um olhar romântico sobre tudo, muito menos alienado. Conduzir o aluno a enxergar a realidade vigente e a perceber como se instaura o processo de desigualdade nas sociedades é ponto de partida para entender onde estamos, como chegamos até aqui e para onde estamos indo. Viver em uma sociedade repleta de tecnologias, não significa acesso a todas elas. No que concerne à escola pública, não cabe uma ingenuidade na questão estrutural. Políticas precisam ser pensadas e efetivadas no contexto da escola de forma eficiente e não utópica. O próprio acesso à internet demonstra-se limitado, escolas e residências encontram problemas de conexão com qualidade e valores distantes da possibilidade de acesso a todos. Pensar nas questões de estrutura para uso ou não de muitos recursos tecnológicos no ensino presencial, ainda requer muita atenção e estudo. Não descartamos as potencialidades específicas das TICs, que agregadas ao trabalho docente responsável, pode conduzir um horizonte de muitas conquistas e inalienação.

3 – Relato de Experiência: O Facebook como Instrumento de Aprendizagem no Curso de Formação de Professores

Entrelaçando o apresentado até aqui, vimos relatar de forma sucinta uma experiência ainda principiante no curso de formação de professores de

uma unidade escolar no município de São Gonçalo - RJ no que tange à aplicação da disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias, exigida no currículo mínimo (criado como política pública) do referente curso. A disciplina é parte integrante da grade curricular do curso normal e encontra-se inserida no primeiro ano. Seu propósito é aproximar os futuros professores das mídias e novas TICs, levando-os a pensar sobre o uso dos recursos tecnológicos no espaço escolar como ferramenta educacional, devido às demandas da sociedade da informação.

Buscamos alinhavar uma prática formativa com estes professorandos, inicialmente tentando conhecer as realidades vigentes do grupo escolar, fazendo um caminho inverso ao convencional, tendo como premissa estudar o cenário das redes sociais aos quais nossos alunos circundavam e posteriormente pensar na conexão do conteúdo escolar via rede. Começamos a refletir sobre a possibilidade de utilizarmos o espaço do *Facebook* como ambiente de aprendizagem a distância, de manifestação das culturas e construção do conhecimento de nossos alunos e professores, assim como mecanismo de aproximação da leitura e da escrita de forma impar. Ali desenhávamos o decorrer de uma disciplina híbrida que atravessaria as paredes e os muros da escola, assim como as telas dos computadores, dos *tablets* e celulares por todos usados. Nossas atividades eram síncronas e assíncronas, não limitando-nos somente aos horários das aulas.

Esta relação inicial promoveu uma quebra de paradigmas, onde uma disciplina começou a aparecer de forma menos tradicional sendo apresentada na modalidade presencial e a distância. As linguagens se misturavam, as opiniões e postagens eram contextualizadas porque não se prendiam de forma rígida ou mecanizada. Os professorandos se aproximavam de discussões neste ambiente virtual de aprendizagem personificado no *Facebook*. No decorrer das atividades, as propostas das aulas ilustravam um clima de sala de aula diferenciado, onde os celulares tornavam-se ferramentas de estudo. Textos eram compartilhados, xerox começavam a ser substituídas pela leitura em tela e novas formas de compartilhar aprendizagens e experiências iam surgindo na escola pública. Os antigos trabalhos de casa foram substituídos por uma convivência em rede, onde era possível debater e refletir sobre os

temas, compartilhar assuntos, criar discussões e agir colaborativamente no *Facebook*. A experiência aqui apresentada encontra-se em estágio inicial, mas já revela algumas possibilidades de integração das culturas que compõem o espaço escolar e seus processos formativos em andamento.

Figura 1. Ambiente da Disciplina no *Facebook*

Conclusão:

Utilizar o *Facebook* como possível instrumento de aprendizagem a distância e produção do conhecimento tem propositado experiências positivas em uma realidade especifica da escola pública, que aos poucos, vem traçando possibilidades não só para o ambiente escolar como também para fora dele. Perceber o envolvimento dos educandos e sua motivação com os projetos ali construídos têm sinalizado a necessidade de uma pesquisa de campo mais aprofundada, algo que desencadeará um estudo minucioso e contínuo no âmbito do mestrado e de novas produções acadêmicas. Muito ainda há que se conquistar, porém o uso das redes sociais e a implantação de metodologias que recorrem aos recursos tecnológicos disponíveis têm contribuído para uma relação de aprendizagem e aproximação entre o professor regente da disciplina e seus alunos. Foi possível realizar uma conexão entre a EaD e o modelo presencial de ensino, característico do curso aqui analisado, isto porque a construção dos saberes iniciados em sala de aula (presencial) não estagnaram

ali, foram e continuam sendo construídos e compartilhados em rede. As discussões permanecem em pauta no grupo do *Facebook* criado para a disciplina, que não conta (ainda) com uma plataforma de aprendizagem como o *Moodle* ou outro específico, mas que tem rascunhado experiências interessantes fazendo do *Facebook*, um ambiente virtual de aprendizagem onde conhecer, investigar, criar, dialogar e agir criticamente torna-se prioridade independente das mídias e TICs utilizadas.

Referências:

COMAR, Sueli Ribeiro & PINTO Aparecida Marcianinha. A institucionalização da Escola Pública no Contexto da Crise Social do Século XIX.Revista Contrapontos. V.7 n.1 2007. Acesso em 02/04/2015.

FREIRE. Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 43º Edição, São Paulo, Paz e Terra 2011.

JÚNIOR, Osvaldo Barreto Oliveira. Resenha, SIBLIIA, Paula.Redes ou paredes em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro.Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.224p. Revista Brasileira de Educação. V. 20 Nº 61. Abr-jun.2015 p 5. Acesso em 29/04/2015.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. 3ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2013.

MACHADO, Carly & SILVA, Marcelo Cardoso. Pedagogia Levada a Sério. Editora Wak, 1994.

MEDEIROS, Leila Lopes & LÓES, Francesca Vilardo. Educação a Distância e Formação de Professores: Relatos e experiências. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2007.

MORAN, José Manuel; MASSETO, Marcos T.;BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 8a edição. São Paulo: Papirus, 2009.

NOVA, Cristiane & ALVES, Lynn. Tempo, Espaço e Sujeitos da Educação a Distância. Revista Tecnologia Educacional – v.31 (157/158) Abr/Set-2002.